

AVAREZA

Não se soube de onde vinha.
Seu nome — Tuca Tinteiro.
Vendia tintas na rua
E tinha muito dinheiro.

Dava conselhos aos pobres,
Buscando escolher a quem,
Mas do dinheiro no cofre,
Não amparava ninguém.

— Seu Tuca — disse Ana Clara,
Sou viúva de João Xisto.
Tuca, porém, replicava:
— Não tenho nada com isto.

— Seu Tuca, preciso tempo,
Rogava Dona Ziúra.
No entanto, ei-lo que lhe arranca
A máquina de costura.

— Seu Tuca, empreste-me cem...
Pagarei quando voltar.
— Diz Tuca: você falhando,
É mais cem para acertar.

Tuca se via tristonho,
Faltava-lhe um companheiro;
Entretanto, era seu lema:
Dinheiro, dinheiro e dinheiro.

Declarava-se usurário
E dizia: — Quem não é?
Sem dinheiro no meu bolso,
Não tomo nem um café.

— Pobreza não é meu fraco,
Detesto a vida na roça;
Quero dinheiro comigo,
Papel ou moeda grossa.

— O meu regime de vida
É necessário a qualquer,
Filosofia de todos
Seja homem ou mulher.

E assim vivia Tinteiro...
E a falar palavras feias
Cobrava um simples tostão,
Tomando terras alheias.

Num domingo, entre os amigos,
Pitando e contando casos,
Quando viu certa mulher,
Falando-lhe em conta e prazos.

Ele ia responder
Mas tombou com dor tão forte,
Que a mulher veio abraçá-lo.
Era ela a própria Morte...

ATEUS

O bilionário dizia
Que Deus é o ouro da mina,
No entanto, ao ver-se leproso,
Pediu a Bênção Divina.

Homem rico e gastador,
Grande ateu entre ateus,
Mas vendo o seu filho morto,
Clamou chorando por Deus.